



MADemoiselle BOREL com uma toilette da ultima moda da casa Poiret

(Cliché Felix)

II Série—N.º 416

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1914

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colonias portu-
guezas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e impressão
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1420 cent.
Ano..... 4850 cent.

Semestre..... 2840 cent.
Numero avulso. 10 cent.

A Fotografia das côres
— com as placas

Autochromes CUMIÈRE

é mais simples e mais fácil do que a fotografia a negro. Reprodução exata de todas as côres da natureza.

Uma hernia curada Sem operação

Cura maravilhosa do Sr. Dr. Pimental, de 76 annos, com uma hernia de trinta annos

A vantagem da perfeição na cura das hernias por mais difíceis e mais agudas, não sejam, sem a menor difficuldade, não causando ao paciente a mais pequena dor, nem perigo, assim como sem perda de tempo nas occupações diárias, é alcançada p' o methodo do Dr. W. S. Rice (S. 987), 9, St. Neucuter street, Londres, E. C., Inglaterra. Com elle não ha precisão de lanceta e o tratamento é enviado directam-nte a casa dos pacientes, traz-ndo consigo immediato conforto, commodidade e alivio.

O Sr. Dr. A. C. Pimental, o qual esteve herniado durante 30 annos, e experim-ntou todas as fundas mais conhecidas, decidiu tratar-se pelo methodo de Rice apezar da sua avançada idade (75 annos) resu-ndo curar-se agora por completo, não fazendo uso algum de apparelho. Este sr. diz-nos: «Estou perfeitamente curado da hernia, e que vinha sofrendo desde trinta annos não fazendo uso algum da minha funde e a hernia nunca mais voltou a apparecer. Não me é possível encontrar a abertura da hernia e o que prova que a cura está completa. Isto é verdadeiramente extraordinario e eu não encontro palavras com que possa exprimir a minha admiração por uma tão maravilhosa descoberta. Todos os fabricantes de fundas dizem que curam a hernia, mas eu que experimento os mais conhecidos apparelhos de todas as partes do mundo sei perfeitamente que elles não curam. Estou convencido de que o unico meio digno de confiança para a cura da hernia sejam recu-rtos ou unctiões e o maravilhoso methodo de Rice. O Dr. Rice pode estar bem orgulhoso de si proprio e eu affirmo que elle é o unico especialista do mundo que conseguiu descobrir o meio de cerrar para sempre a abertura herniaria.»

Que mais provas de convicção se devem pedir, depois que uma personalidade medica se declara radicalmente curado e mostra que o verdadeiro meio para a cura da hernia está descoberto.



Sr. Antonio dos Santos

Entre outros que se curaram com o methodo de Dr. Rice está Sr. Antonio dos Santos, Travessa de Froes, 21, 1.ª, Santa Rem, o qual estava herniado ha ja cerca de 6 annos (veja a photographia), curado aos 75 annos de idade, o sr. F. Ortega, calle Naba, Belmonte, P. de Cordoba, Hespanha curado de uma hernia serotal d.º 20 annos e o sr. F. Merino, R. de Tathy n.º 77, Rio Grande do Sul, Brazil, herniado ha 35 annos. E' pois de facil convenção a que a pessoas de ambos os sexos, indistincto da hernia escrevam ao Dr. Rice pedindo uma copia do famoso livro, descrevendo dea. Hdadament-º seu methodo de cura de todas as hernias por mais difíceis e graves que s. jam. Junto será enviado gratuitamente uma amostra de seu methodo, pois que o seu maior desejo é que todo o paciente d' esta terrivel doença conheça o maravilhoso remedio que cura sem dor e sem perigo, sem operação nem perda de tempo de trabalho. Não esprem mais, escrevam immediatamente.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME
19
BROUILLARD



Diz o passado e o presente e pre-diz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quironmancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desjarrolles, Lambrusc, d'Arpenigney, madame Broillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemã, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000rs.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Socied. anonyma
T. spon. Lim. tado

CAPITAL:	300.000\$00
Obrigações	223.918\$00
Fundos de reserva e amortisação	46.408\$00
Reis	750.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianinha e Sobretinho (Tomar), Penedo e Casal de Hernio (Lousã), Vale Maior (Albergaria a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispo-ndo dos maqui-nismos mais aperfeiçoados pa a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina, continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedor exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA — 270, Rua da Princesa, 276
PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado, Numero telegrafico: Lisboã, 605 — Porto, 117.

Seda
Suissa
de porte a domicilio franco
Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em veludões e peluches. Pegam as nossas amostras franco
Schweizer e Ca., Lucerne E 12
(Suissa)

**PARA
QUE
VIVER?**
triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegria, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saúde, sorte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a cartona brochura gratis, em portuguez, do professor YTALE, 35, Boulevard Bonne-Nouvelle, 35 - PARIS.

SOIS BAIXA MAS PODEIS CRESCER

7 centímetros em dois mezes

Basta consagrar 3 minutos cada dia ao

GRANDISSEUR DESBONNET,



o maior descobrimento do seculo em materia de cultura fisica. Póde-se crescer de qualquer idade como o prova a experiencia feita perante a Corporação Medica pelo professor Desbonnet, que com 63 annos de idade cresceu de sete centímetros em três mezes sem droga e sem nenhum exercicio perigoso de enforcamento.

O apparelho e o método completo são enviados francos de porte ao domicilio contra remessa de quarenta francos, dirigidos a Monsieur Desbonnet, 48 N Faubourg Poissonniere, Paris (France).

Incredulos seréis Convencidos lendo o folheto explicativo illustrado (enviado gratis).

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

9-2-1914

N.º 416

A bandeira viva

Ainda ha uma coisa nobre e bela na vida: é saber viver e morrer por uma idéa. O illustre francez, que ha dias succubiu em Nice, fica como um exemplo de continuidade e de coerencia moral dentro d'um grande pensamento. Quiz, com impetuosidade, com energia, com talento e com logica, a revisão do tratado de Francfort e a reintegração da Alsacia-Lorena: todos os instantes da sua existencia, todos os recursos da sua natureza exuberante e retórica se consumiram na ancia de dar realidade a essa aspiração. A idéa de patria é a unica para que vale a pena viver, — disse um dia Gambetta.



Essa idéa floriu, palpitou, latejou, resplandeceu em Derouléde, converteu o grande francez n'uma bandeira viva, em volta do qual se congregaram, sem cõr politica, todos os homens de 70 scudidos pelo pensamento ardente da *revanche*. Com o poeta dos *Chants du soldat* não foi apenas um homem que morreu: — foi a expressão eloquente de um dos mais belos sonhos da França.

Dr. Bernardino Machado

A distancia torna ainda maiores os grandes homens. Esta inversão de perspectivas, especialmente sensível tratando-se de homens publicos, é já um lugar comum na historia de todas as democracias. E' muitas vezes no exilio; é, quasi sempre, na maior distancia, que as nações melhor distinguem, em toda a sua grandeza moral, os homens capazes de as governar. O curto periodo da embaixada do Brazil, pelo simples facto de constituir um afastamento, realisoou, para o sr. dr. Bernardino Machado, uma formidavel indicação de poder. Ha muito tempo que um tão vivo clarão de fé não acompanha o advento de um homem publico em Portugal. O eminente estadista, esperado pelo seu paiz com impaciencia e com anciedade, traz consigo o ramo d'oliveira da paz, — e na sua mão d'aço, enérgica e leal, uma macia e cordealissima luva de veludo.



estadista, esperado pelo seu paiz com impaciencia e com anciedade, traz consigo o ramo d'oliveira da paz, — e na sua mão d'aço, enérgica e leal, uma macia e cordealissima luva de veludo.

O paradoxo do galego

A orgulhosa inaptidão do portuguez para servir seja quem for, canalisoou para Portugal,

sobretudo a partir do século XVIII, essa creatura honesta, laboriosa e simpática, que é o galego. Boi de trabalho, admiravel de pontualidade e de honradez, de resignação e de ritmo, de placidez e de paciencia, dispondo do bom senso secular de



Sancho Pança e de uma fleugma que, sem ser perfeitamente britânica, é rigorosamente profissional, nós poderíamos supor o galego capaz de tudo, — menos da veemência da paixão, do nervosismo do ciúme, da vertigem sangrenta dos crimes passionaes. Foi, por conseguinte, com assombro, que eu li ha dias a noticia de que certo galego honesto cometera a condenavel impaciencia de assassinar a amante e de se suicidar em seguida. Se realmente se trata d'um patricio de Nuñes d'Arce, — ahi está um galego que parece ter nascido, por engano, em Sevilha.

Magas e Histrões

Magas e Histrões, viva *Cosmópolis* de teatro, é um livro escrito por um artista superior, que na sua grave cultura, na sua dis-

creta elegancia, pensa e escreve, nitidamente, sóbriamente, como um francez. Manoel de Souza Pinto põe asua gravata, com serena gravidade, ao pequeno espelho d'oiro de Barbey d'Aureville. Maneja a frase com a dextreza elegante com que Roger de Beauvoir brandia o seu *stick*. E' uma creatura distinta que tem opiniões proprias e que sabe conversar-as amavelmente, com nobreza, com cintilação e com espirito. No seu



livro ha paginas calmas e lapidares; mas ha outras em que a fria distincção do artista se anima, e em que a prosa coeja viva, flexuosa, desarticulada, inquietada, na ondulação ligeira, na mobilidade ritmica d'aquilo a que Nietzsche chamou um dia — «prosa que dança».

JULGO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



UMA AVENTURA DE DOM POLICHINELO

Favia tempo que a Dom Polichinelo, da antiga casa dos Corcundas, dera no gôto a frescura jovial de Colombina. Ora Colombina, que ainda distava alguns mezes do limiar interesseiro dos vinte anos, não queria saber senão dos líricos galanteios do seu Pierrot, que a adorava com a ardente fidelidade de um poeta pobre. E mostrava-se tão absorvente esse mutuo amor, que Dom Polichinelo, não topando ensejo de a compeli a escuta-lo, se resolveu a subornar a aia que sempre a acompanhava.

Era esta uma velha já cansada e tropega, a quem só a muita am-sade a sua ama comunicava forças para não esmorecer a meio dos passeios a que ela a obrigava pelas ruas em arcadas d'essa alegre cidade de perpetuo Carnaval, onde a provocação da voz das Columbinas bem vigiadas respondiam, sem falta, as rimas empoadas dos Pierrots suspirosos.

Para a consecução de seu cupido intento, Dom Polichinelo encarregou um servo de combinar com a velha aia uma entrevista, de que, como se habituára a contar tudo a sua ama, a aia deu logo parte a Colombina, recebendo como resposta uma formal proibição de comparecer ao encontro.

Aconteceu, porém, que, nessa mesma noite, depois de dedilhar inspirado as cordas da sua guitarra, Pierrot, enquanto a lua resplandecia branca como se acabasse de morrer naquele instante, dissera a Colombina que sabia das riquezas que o pae d'ela entesourava, das sedas que o seu corpo de princeza apeteia, das joias para que o seu colo parecia talhado. Pensando nelas, estava pronto a sacrificar-se, não a vendo mais, só para que ela assim tivesse uma prova cabal do seu amor.

Mas, como Colombina, entristecendo-se á idéa de perder o amado, lhe pedisse para não continuar sendo ingrato, Pierrot, mudando de tom, e com a sua face agora mais brilhante do que a da lua, declarou-lhe que grande coisa era sem duvida o oiro, pelo qual os homens se vendem e as mulheres se dão. Coisa maior, todavia, era o amor: esse mel mais do que o oiro poderoso e doce. Se ela quizesse acreditá-lo, abandonaria o lar paterno, e, renunciando aos brocados e ás pompas, fugiriam os dois, dando-se o braço, até a um cofim da terra, onde podessem amar-se livremente.

Colombina respondeu-lhe que o fugir era o menos. Simplesmente, as grandes caminhadas não tentavam a pequenez dos seus chapins, e já lhe parecia sentir na pele um desagradavel prurido ao lembrar-se de que poderia ter de trocar a macieira das suas roupas por alguns asperos farrapos.

— Sendo assim — replicou Pierrot — far-me-hei, por ti, ladrão de estrada, trocarei a lira por um bacamarte, enegrecerei o rosto com as barbaças de um bandoleiro, e nada te faltará, verás! Nem veludo, nem perolas, nem perfumes...

— Não saberia amar-te deshonrado. Pierrot saltador! Não faz sentido. E depois, deixar-te-hias roubar pelo primeiro viajante que assaltasses...

— Se assim cuidas, temos de renunciar á felicidade.

— Sempre com os teus exageros: ou ladrão, ou infeliz! Como se não houvesse outro meio...

— Não descobrindo nenhum.

— Descubri-lo-hei eu, queres apostar? Meu pae estremece o seu dinheiro, mas gosta tambem da unica filha que tem. Se me raptares, enfurecer-se-ha certamente; mas não lhe dou uma semana para que me deseje de novo á sua beira: mesmo porque eu, afinal, faço parte do teu tesouro... Arranjassemos nós um coche veloz e dinheiro para as primeiras despesas, que, com duas arcas de roupa que eu levasse, faríamos uma excelente viagem de nupcias, terminada depois por um casamento com todas as bençãos.

— Apesar de ser eu o poeta, os teus sonhos galgam os meus.

— E' que ainda não reparaste nos meus olhos!

— Trago-os dentro d'alma.

— E de que côr são?

— Da unica côr que elles merecem.

— Mas qual é?

— Côr do manto da lua, minha madrinha.

— Azues? Atreves-te a comparar os meus olhos aos da embirdante Sylvia?

— Esverdeados, queria eu dizer.

— Olhos verdes, como os da delambida Clelia Para longe vá o agoiro!

— São de uma côr sem nome, de uma côr só d'elles.

— Não são tal, meu cego! Tenho olhos de coelho, olhos côr de rosa...

— Por isso me sabem os labios a verão, quando t'os beijo!



Tudo com dinheiro se consegue, opina o vulgo, mas a experiencia ensina que, havendo muitas dificuldades que o dinheiro não vence, nenhum impossivel resiste á astucia de uma mulher apaixonada.

No dia immediato ao da sua conversa com o irresoluto Pierrot, Colombina, afirmando querer saber o que ele pretendia, ordenou á velha aia para que tratasse com Dom Polichinello um encontro noturno ao fundo do jardim do palacio.

Cumprido o encargo, transmitiu a serva á ama a hora aprazada, mas, como mal entrada a noite, começasse, segundo era seu costume, a cabecear com sono, avisou-a Colombina de que podia ir deitar-se, pois, com a combinação que lhe mandara fazer, apenas tivera em vista pregar uma partida ao ridiculo pretendente.

Pouco depois, foi Colombina espreitar na alcova da aia, e, verificando que esta dormia já profundamente, apoderou-se da saia e do mantêo que ela despira, vindo para o seu quarto, a rir

—Porquê, Dom Polichinello?

—Por poderdes vêr em seu leito uma tamanha formosura.

—E' linda, na verdade, a minha ama! Estava, quando a fui vêr, formosa como um serafim. Tinha os cabelos desentrançados de tal modo, que cada um semelhava um fio com que os anjos estivessem tecendo em oiro uma copia do seu alvo rosto.

—Falaeis com muita correção.

—E' que a beleza de minha ama até aos rudes torna eloquentes.

—E do seu colo, dizei-me, via-se alguma coisa?

—Inquiriu libidinoso o vegete.

—Pudorosa como ela, não conheço nenhuma. O sono, porém, adormecendo tambem o pudor, fazia com que ela, sem saber, mostrasse o hombro esquerdo.

—Maravilhoso, não é assim, boa velha?

—Igual a ele, decerto, só ha no mundo mais um: o seu hombro direito...—informou Colombina, a quem o ar pasmado do interlocutor dava uma louca vontade de desatar ás gargalhadas.

—E que mais, que mais?

—Pela camisa entreaberta, via-se tambem...

—O quê, o quê?

—Não sei se deva dizê-lo.

Temo perturbar-vos.

—Dizei-me tudo, e saberei recompensar-vos generosamente. Tomae lá esta bolsa á conta de maiores dadas.

—Obrigada, meu senhor. Ficae então sabendo que do seu hombro esculptural nascia, como de um tronco de magnolia, um fruto branco como eu nunca vi em colo de mulher.

—Um seio de alabastro!

—De alabastro é pouco, Dom Polichinello! Imaginae uma roseira da vossa altura, que florisse n'um só botão de grandeza correspondente.

—Muito branco, não é verdade! Dizei, dizei!

—Muito branco a toda a volta, mas muito rosado no topo, assim como se as petalas d'aquella rosa começassem de se querer abrir á picada de uma abelha presa n'elas até meio corpo.

—Basta! Não digaeis mais, que me sinto capaz de assaltar opalacio para a roubar á viva força!

—Prudencia, meu senhor, prudencia, e a vittoria será nossa! Sondei minha ama a vosso respeito, e posso garantir-vos que lhe não sois de todo antipatico. Colombina tem um grande fraco pelo luxo.

—Toda a minha fortuna por um beijo d'ela!

—Credo!—exclamou vivamente Colombina.

—Porque dizeis credo?

—E' habito meu, Queria dizer: assim seja! Ha só um empecilho aos nossos desejos.

—Vence-lo hei com o meu dinheiro.

—Tambem estou certa d'isso; mas carecemos de tino, para não afugantar a caça. Colombina, como é proprio da sua ingenuidade, gosta de um moço muito bem parecido, que lhe faz lindos versos...

—Comprarei os versos d'esse poeta, para lhos oferecer como meus.

—Não estaria bem á vossa respeitabilidade que- rerdes passar por poeta...



sósinha, d'sfarçar-se, ao espelho, sob as apparencias da velha servical.

Como os seus aposentos ficavam por baixo dos do pae e longe do resto da creadagem, facil se lhe tornou sahir, em seguida, ao jardim, onde tudo ia deitando a perder o contentamento da sua cadellita, que sem demora a reconheceria.

Ao fundo, Dom Polichinello aguardava no escuro. Quando, apoz o descerrar da porta, sentiu uns passos leves sobre o saibro do jardim, interrogou mais inquieto:

—Sois vós, boa velha?

—Eu propria, meu senhor— respondeu Colombina, esforçando-se por envelhecer a voz graciosa.

—Pareceis mais ligeira.

—E' do susto que me domina. Não façaeis caso!

—E vossa ama, a encantadora Colombina?

—A minha encantadora ama dorme, a estas horas, o sono risonho da sua innocencia. Fui agora mesmo certificar-me.

—Como vos invejo!

—E como se chama o atrevido?
 —Chama-se Pierrot.
 —Já calculava. Vejo-o sempre atrás d'ela.
 —O rapaz anda doido d'amores, e o peor é que ela lhe paga na mesma moeda.
 —Não faz ao caso. Mandarei dar cabo d'ele.
 —Malvado!—tornou Colombina, esquecida novamente do seu papel.
 —Malvado, dissestes?
 —Porque o caso podia vir a desobrir-se, e Colombina, desgozosa, o attribuiria ao vosso mau coração. Ha um meio mais comodo, ainda que vos custe um pouco mais.
 —Não olho a despezas.
 —Está tudo então muito bem. Começaremos por afastar Pierrot.
 —De que maneira?
 —Raptando-o.
 —Não se raptam homens. Ensandecestes?
 —Fiae-vos de mim. Não tendes um coche rico e bons cavalos?
 —Mais rico do que o meu coche de gala, não ha outro. Aos meus cavalos só lhes falta voar.
 —Faremos então, se concordaes, o seguinte: amanhã à noite, mandareis ali, ao portão que dá para a estrada, o vosso coche, com os melhores cavalos, e dois creados seguros, com ordem de, depois do sinal da partida, só pararem na cidade mais proxima, onde tenho uma sobrinha que, apesar de feia, é capaz de fazer Pierrot esquecer para sempre Colombina.
 —Não percebo bem o vosso plano.
 —Como Pierrot é valdoso e anda sempre na lua, não conhecendo portanto o vosso coche, dir-lhe-hei que o governador da visinha cidade, tendo ouvido falar dos seus versos, o deseja conhecer, e que para isso o mandou buscar, oferecendo-lhe de ante-mão, como premio ao seu talento, uma quantia importante, que vos peço o favor de entregardes a um dos vossos lacaios.
 —Eu dar dinheiro a um rival?
 —Assim é necessario.
 —Seja.
 —Pierrot partirá comigo sem demora, e Colombina, vendo-se desprezada, não se atreverá a resistir-vos por mais tempo.

—Mas porque ides vós com Pierrot?
 —Porque sem mim nada se faria. Preciso combinar com a minha sobrinha o dar-lhe volta á cabeça.
 —Pierrot raptado por uma velha! Tem muita graça.
 —Se quizerdes rir melhor, emboscae-vos amanhã all n'aquela massiço, a ver-nos passar.
 —Até amanhã, boa velha!
 —Boa noite, Dom Polichinello!—disse, curvando-se mais, a ardllosa Colombina, que, correndo a refugiar-se no seu quarto, ahi deu largas ao riso que, durante o longo colloquio, estivera prestes a comprometer-l-a.

E foi tão violento e sonoro esse riso, que a velha aia, despertando ao seu ruido argentino, veiu perguntar, á porta da camara, se ella tinha alguma coisa. Fez-se Colombina de desentendida e, fingindo ter despertado n'aquella momento, limitou-se a dizer á aia que o rumor a que ella alludia devia talvez provir do repuxo do lago, que o jardineiro se houvesse esquecido de fechar.

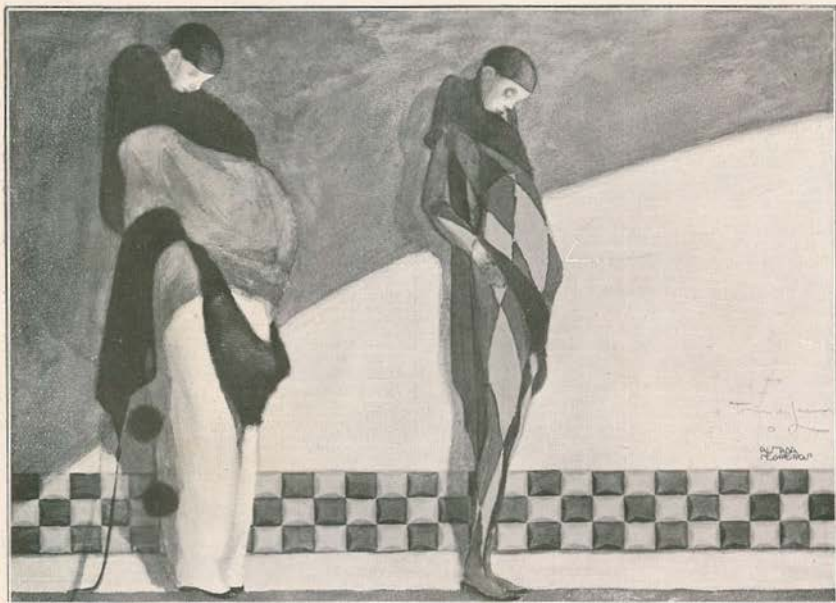
—Não me pareceu barulho d'agua, minha menina!
 —Então talvez fosse meu pae, lá em cima, a contar as moedas... Deixa-me dormir!

Na noite seguinte, Dom Polichinello, segundo o combinado, assistia escondido á partida de Colombina, disfarçada de velha, e de Pierrot, que, prevenido do logro, se mostrava radiante. Succedeu, no entanto, que, desconfiada com as duas arcas que sua ama durante o dia estivera a arrumar, a velha aia, ao recolher-se, não se deitara, e, dando por falta de algumas peças do seu vestuario, saiu a procurar-as cá fóra.

Notando que estava aberta a porta que deitava para o jardim, foi ver o que havia e, divisando ainda na estrada o coche a ferir lume, desatou em altos gritos.

Acudiram o amo e os demais criados, arranjando-se as coisas de forma que Dom Polichinello, descoberto no seu esconderijo, passou na cadeia essa noite em que, ao embalo do coche almofadado, Colombina desmaiou, pela primeira vez, nos braços de Pierrot...

MANOEL DE SOUSA PINTO.





O edificio escolar de Samora Correia, construido pelo *Seculo*.

do paiz eles receberam. O *Seculo* e os seus numerosos leitores foram dos que primeiro acudiram ás grandes e urgentes necessidades do Ribatejo. Os benemeritos portuguezes da India encarregaram o *Seculo* da construcção de dois pequenos sêdios em Benavente e em Samora para morada gratuita de viúvas pobres com filhos. Lá estão eles ha muito, habitados por uns desgraçados, que assim se tornam felizes. Mas o maior auxilio do *Seculo* foi prestado ás necessidades espirituaes do Ribatejo. Abriu uma subscrição para construir esco-



Os representantes da Camara Municipal de Benavente. Da esquerda para direita: Srs. Antonio Esteves Calado, dr. José de Sousa Dias, dr. Baltazar de Freitas e Brito, Vicente Neves, José Bernardo Inacio e Anibal Duarte Neves Veiga.

Chega-se a dar razão áqueles que dizem que o Ribatejo lucrou com o terramoto de abril de 1909. A desgraça e a afficção foram grandes; mas os socorros foram tão prontos como consideraveis. Benavente, Salvaterra de Magos e Samora Correia, antes d'ele, eram umas vilas de aspêto triste, sem gosto e sem riqueza; as suas casas de má construcção e quasi sem alicerces estavam ameaçadas de ruirem á primeira oscillação forte do terreno, como ruiram. Hoje são umas povoações desafogadas, alegres e atraentes, de construcção solida, para o que muito contribuiu o trabalho prodigioso dos seus habitantes e o consideravel auxilio que de todos os pontos



Da esquerda para a direita: Os srs. José I. Canico, official do registo civil, José Maria da Costa, José Paulo Saldanha Machado, Inacio Maria Neves e Lucio Lourenço Boto, representantes da Junta da parochia



O engenheiro sr. Sá Carneiro.

las em Salvaterra de Magos e em Samora Correia. Poz o seu nome à cabeça da lista dos subscritores e mandou fazer um belo



O construtor civil sr. Passos de Mesquita.

cluir os dois edificios.

Foi uma festa comovedora a da entrega d'esta escola. A camara municipal com o seu



A menina Ester do Ceu Lopes Claro, recitando a poesia *Saudação*, da distinta professora sr.^a D. Olinda Adelaide Claro.

Um grupo de alunos de ambos os sexos.

e vasto edificio escolar para ambos os sexos em Salvaterra de Magos, inaugurado ha um ano, e acaba agora de entregar cá amara de Benavente outro, para o sexo masculino, construido em Samora Correia, completando generosamente do seu bolso a quantia que faltava á subscrição para con-



A menina Cristina Teles, recitando a poesia *Instituição bela*, do sr. João F. Pratas.



A parte de trás do edificio escolar com uma grande area de terreno para recreio.



O sr. dr. José de Sousa Dias, vereador da Instrução.



O sr. dr. Baltazar de Freitas e Brito, presidente da Camara Municipal.



O sr. Antonio Velga, escrivão do Juizo de direito e correspondente do *Seculo*.

ilustre presidente sr. dr. Baltazar de Freitas e Brito, e a junta de parochia, com o seu digno presidente, sr. José Paulo Saldanha Machado, souberam imprimir ao ato o maior brilho e pôr em relevo a obra benemerita do *Seculo*. A essa festa associou-se entu-



la, havendo manifestações de grande rigoroso e recitação de poesias pelas creanças, elogiando e agradecendo o alto beneficio que o *Seculo* prestara á instrução.

Todos se afastaram levando as mais agradáveis impressões e erguendo-se muitos e ca-

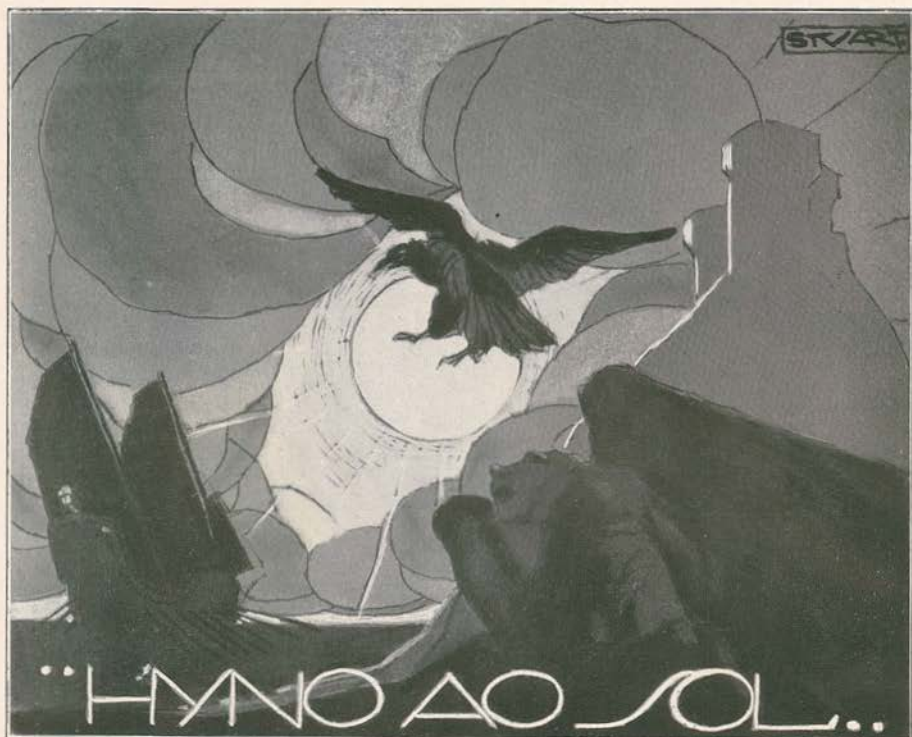


siasticamente o povo e a «Filarmonica Recreativa Samorense»; associaram-se os professores e alunos das escolas da vi-



lorosos vivas á camara de Benavente, á Junta de Parochia de Samora, ao *Seculo* e, em especial, ao seu illustre director sr. Silva Graça.

5. O menino Augusto Afonso Gaspar, recitando a poesia ao *Seculo*, do distinto professor João F. Pratas.—5. O cortejo desfilando em direção ao novo edificio escolar.—6. Na estrada em frente da escola. (Clichés Benolle)



Au grand poète français Monsieur Edmond Rostand, avec mon humble hommage, je dédie cet essai d'adaptation à la langue portugaise de la plus belle page de «Chantecler.»

Tu enxugas o pranto aos calis pequeninos,
Flôres mortas mudando em vivas mariposas,
Quando se desfolhando, assim como destinos,
Tremem aos ventos assassinos
As amendoeiras melindrosas!

Eu te idolatro ó Sol cuja luz feiticeira,
Para ungrir cada frente e sazonar o mel,
Entrando em cada flôr e cada uma lareira,
Se divide e demora inteira,
D'um amor de mãe cópia fiel.

Eu te canto e por teu missionario me tenhas,
Tu que em espuma azul vens à concha dos céos;
Que ao desaparecer, quanta vez! não montanhas,
Mas humilde janela banhas
Do teu formoso, último adeus!

Fazes girar os girasoes do presbiterio
Qual sino d'ouro ao campanario o alto brilhar!
E passando atravez das til as, n'um misterio,
Tua luz discos lança por terra
Tão belos que fazem parar!

Tu mudas d'uma bilha o verniz n'um esmalte!
Uma toalha a enxugar n'um estandarte de luz!
Da mó sob o telheiro o ouro fazes que salte,
E que tambem o ouro não falte
Da colmeia sob o capuz!

Gloria a ti sobre o campo e gloria sobre as vinhas,
Sé bemdito na herva e bemvindo ao portal,
Nos olhos do lagarto e em azas de andorinhas,
O' tu que fazes as grandes linhas
E seus detalhes por igual!

E's tu que recordando a irmã gêmea e sombria
Que s'esconde e s'estende aos pés da claridade,
A tudo quan'o encanta aumentas a magia,
Dando-lhe a sombra, essa poesia
Quanto mais bela que a verdade!

Amo-te ó sol que um Deus na sarça esconder ousas...
Que póes flamas na fonte e rosas n'amplidão!
E um tronco obscuro no esplendor do viço pousas
O' sol sem quem todas as cousas
Seriam sómente... o que elas são

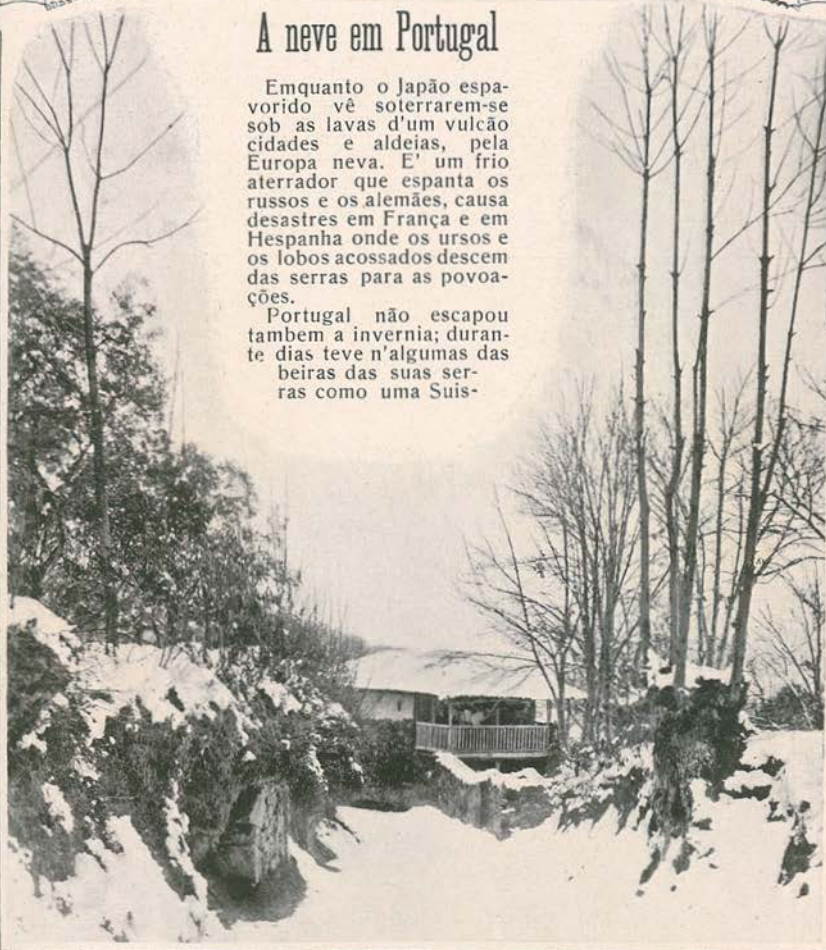
CARLOS D'ALCANTARA CARREIRA.

*CAMBO. -- Après ma visite à la merveilleuse ville
Arnaga, résidence du poète.*

A neve em Portugal

Emquanto o Japão espavorido vê soterrarem-se sob as lavas d'um vulcão cidades e aldeias, pela Europa neva. E' um frio atterrador que espanta os russos e os alemães, causa desastres em França e em Hespanha onde os ursos e os lobos acossados descem das serras para as povoações.

Portugal não escapou tambem a invernia; durante dias teve n'algumas das beiras das suas serras como uma Suis-



Casa rustica no caminho de Alcongôsta coberta pela neve.—(«Clichê» do distinto amador fotografico sr. Francisco Pinharanda.)



O fundão sob a neve.—(«Clichê» do distinto amador fotografico sr. Bartolomeu Monteiro.)



sa em que se brincou a neve, se fizeram estatuas de gelo, como na Noruega e as crianças arremçaram umas às outras as bolas frias da geada.

De toda a parte chegavam notícias de pasmo: falavam nos telegramas as recordações dos velhos. Dizia-se que ha muitos anos não havia memoria de semelhante frio, de tão grande nevada. O lisboeta tiritava dentro do sobretudo, as

vam-nos muito apropriados. Passavam as mulheres pelas ruas com as mãos nos regalos de peles d'esta vez mais do que um accessorio da sua toilette, os homens do sport declaravam que dentro em pouco já se podia patinar no lago do Campo Grande como no Bois e as pessoas que teem peliças andavam a mostral-as dizendo que Portugal emfim se civilisara.

Sim, que essa cousa

de emquanto a Europa arvora as suas modas d'inverno, haver aqui um sol acariciador torna este canto da península uma cousa quasi tropical. E' isso que agrada aos pobres, aos que trabalham, ou que não teem regalos e que se erguem pelas madrugadas para não lhes succeder como aos trabalhadores de Madrid que se viram a braços com a maior das crises. A neve paralisou todos os trabalhos da cidade; a neve trouxe a fome. Não foram só os lobos da Serra Morena que soffreram mas também os lares dos simples operarios de quasi toda a Hespanha que sentiram as suas agruras.

Felizmente entre nós se muita nevecaiu, se muito frio houve, não augmentou a miseria.

Para Portugal pode dizer-se que Deus deu o frio conforme a roupa.

Terras houve, todavia, onde não foi bem assim.

O Porto, logo no começo do ano, amañeceu coberto de neve a ponto de depois do sol nascer ainda ela brilhar sob os seus raios e ser necessario empregar os operarios municipaes n'essa tarefa de desobstruir as ruas



Castelos de... neve.—(«Clichê» do sr. Francisco Pinharanda.)

mãos encieiravam-se-lhe nas luvas forradas, os pés creavam frieiras apesar das palmilhas dobradas das botas e toda a gente reclamava um casaco de peles.

Bradava-se contra as casas sem fogões, dizia-se azedamente que o clima mudara e as pessoas que costumam rir-se dos telhados em rampa acha-

onde apesar de tudo havia quem caísse escorregando no gelo.

As graciosas costureiras da capital do norte, que se erguem cedo para irem aos seus trabalhos, estatelavam-se nos passeios pouco habilitadas a saltitarem como a parisiense sobre a neve que mancha as suas botinas.

Em Moledo a neve atingiu vinte centímetros d'altura na estrada, formando um panorama encantador os seus campos claros. Em Castelo Branco, durante uma noite, os telhados gemeram com o peso da neve e os velhos declararam que desde ha vinte anos não nevava assim.

Lamego teve gelo com cincoenta centímetros d'espessura não havendo memoria de ele ter jamais atingido ali estas proporções.

Na serra da Guardunha o espectáculo era soberbo. As arvores, os caminhos, os riachos eram d'uma alvura deslumbrante. Sob o frio intenso as senhoras do Fundão e arredores foram para as ruas e sob as suas mãos delicadas nasceram as pirâmides de gelo, os



O Fundão sob a nevada

bonecos mais pitorescos que é dado imaginar e n'uma esfusante alegria pas-



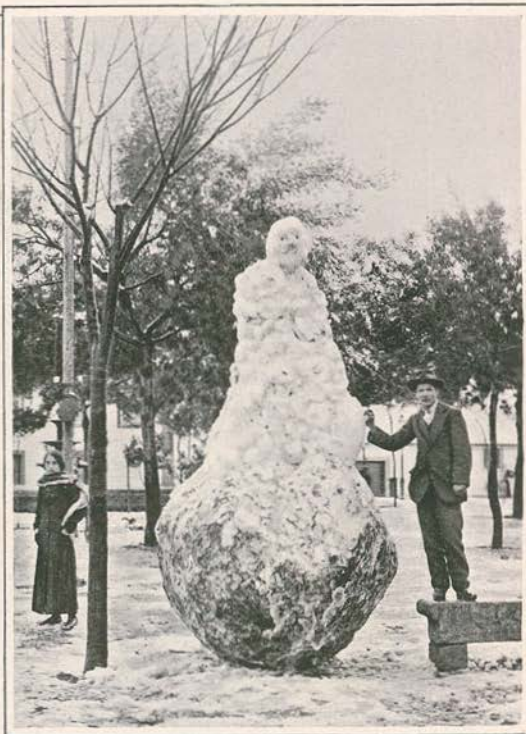
Aspetos do nevão na Guardunha.—(Clichês do sr. Francisco Pinharanda)

saram esse tormento do frio.

Eragança teve um nevão terrível; formavam-se também blócos de neve enormes a que os soldados do 30 d'infantaria e outros habitantes da cidade deram as mais caprichosas formas.

Tarouca viu os seus montes, vales, casas e arvores sepultadas sobre a geada e os telegramas para os jornaes declaravam parecer essa pitoresca vila um trecho da Siberia, tal é a altura da nevada.

Vila Real de ha muito não via tão formidável nevão.



Um monumento de neve no Fundão. — («Clichés» do sr. Bartolomeu Monteiro.)

O gelo atingiu muitos centímetros d'altura e o frio foi tão intenso que os trabalhadores não puderam ir para os campos.

A Serra da Estrela estava completamente coberta de neve; o frio era intensissimo caindo verdadeiros blócos que obrigavam os pastores a recolherem-se com os seus gados aos apriscos.

Em Taboão também nevou fortemente e o mesmo succedeu em Resende e em Cambres onde o termometro marcou tres graus.

Em Aveiro



Um aspecto da nevada no Fundão



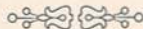
Bragança coberta de neve.



Os soldados do 30 d'infantaria em Bragança com os seus fantasticos bonecos de neve.
(«Clichés» da Fotografia Moderna)

damente esquecer as intempéries.

Entretanto por toda a Europa os temporaes continuam, a neve vaee caíndo e nós, no consolo d'um deslumbrante sol, pensamos com delicia na neve que cae longe vivendo calmamente n'esta terra privilegiada.



1. O caminho velho para a Guardunha durante o nevão. — («Clichê» do sr. Francisco Pinharanda). — 2. Outro aspeto do nevão na serra.

alguns recrutas que foram na madrugada do dia 16 para os seus exercicios caíram com sincoptes e em Vieira de Leiria não havia desde ha dez anos um frio tão regelante.

Mesmo nas regiões onde a neve raramente cae este ano gelaram as fontes como em Atalaia d'Alemquer.

Lisboa viu tambem gelados os lagos de S. Pedro d'Alcantara e do jardim da Estrela.

Dentro em pouco, porem, tudo isso passou e um sol doce, encantador, magnifico, veiu com a beleza vivificante dos seus raios fazer rapi-



3. A neve n'uma explanada da Guardunha. («Clichê» do sr. Bartolomeu Monteiro).

FIGURAS E FACTOS



Um aspéto do casamento da sr.^a D. Filipa de Sá Paes do Amaral, genitil filha dos srs. viscondes d'Alverca, com o sr. Armando Fernandes Coelho. («Cliché» de Benollet)



1. Sr. Caldera Coelho, novo advogado que se estreou no Tribunal da Boa Hora e a quem o juiz sr. dr. Horta e Costa e o delegado sr. dr. Castro Lopes fizeram na audiência as mais honrosas e justificadas referencias.
2. Sr. dr. Joaquim Manso, autor de «Livro de Moralidades», recentemente publicado.

Joaquim Manso é uma individualidade na nossa literatura. Analista profundo sabe exteriorisar o fruto da sua observação na mais limpida prosa.

Trabalhador incansavel e estudioso acerrimo possui uma erudição de que se não podem gabar a maioria dos escriptores da sua geração.

A sua ultima obra «Livro de Moralidades» veiu acentuar o seu alto valor e as suas grandes faculdades de lutador.



Sr. dr. José Manuel da Costa vice-presidente da comissão municipal de Caminha e um dos benemeritos de Seixas.



Um trecho da freguezia de Seixas, Caminha, vendo-se a casa onde reside de verão o arquiteto sr. Ventura Terra. («Cliché» do distinto fotografador sr. Luiz Terra)



ATHENAS: O TEATRO DE BACCHO

Os teatros gregos nas suas construções foram as mais modelares casas d'espétaculo que se crearam até hoje. Com o passar dos tempos modificaram-se para novamente se ado-



O TEATRO GREGO DE TAORMINA

tarem as suas formas o que por toda a parte se está usando. N'aqueles velhos hemiciclos nasceu a tragédia que tão alto havia de chegar com o decorrer das edades.

Imprensa Carioca FON-FON



1. Sr. Alexandre Gasparoni, diretor co-proprietario. — 2. Sr. Mario Pederneiras, redator-chefe. — 3. Sr. Giovanni Fogliani, diretor co-proprietario.

A imprensa carioca é uma das mais interessantes do mundo, porque a soma enorme de energias de que depende lhe dá um caracter absolutamente original. Assim é que o viajante ao aportar a estas plagas não só pasma do formato, por vezes, inestetico, dos jornaes, como pela excessiva tiragem das revistas e magazines que nascem e morrem com a mesma indiferença que o publico liga ao diário que não tenha, pelo menos, 16 paginas. Ainda, ultimamente, para solenizar o advento do ano novo, o venerando *Jornal do Comercio* publicou uma edição de 80 paginas todas elas repletas de materia inteligentemente recolhida, com um serviço telegrafico que custa centenas de contos.

Se d'entre a imprensa diaria sobresa e arguto e perspicaz quotidiano, da imprensa semanal, salienta-se imperturbavel e eloquente no seu proprio valor, a excelente revista *Fon-Fon*. Em toda a America do Sul não ha outra que se lhe assemelhe, já pela feição profundamente individualista com que é redigida, como pela feliz execução de processos novos. A sua edição de 80:000 exemplares exgota-se, celere por todo o Brazil, o que prova, exuberantemente,

que no Brazil se lê e se aprecia tudo o que leve o selo insubstituível de uma arte requintada.

O corpo redatorial do *Fon-Fon* é magnifico. São diretores: Giovanni Fogliani e Alexandre Gasparoni. A sagacidade administrativa do primeiro e a inteligencia jornalista do segundo se deve o ex to brilhante, do belo repositório das letras brasileiras. Redator-chefe é Mario Pederneiras, creador do verso livre no Brasil, e, certamente, o mas original, mais emotivo poeta d'este pais.

Tem quatro livros publicados: *Agonia, Kon-das Noturnas, Historias do Meu Casal, Ao léo do Sonho e á Mercê da Vida*. E' o evocador das *nuñces* da vida sentimental da Rua, das coisas simples e serenas da linda cidade carioca. Hoje, é esta a sua feição predileta. E' o Poeta amado pelos Novos.

Mario Pederneiras tem como seus auxiliares outros dois moços de muito talento: Lima Campos e Vitorio de Castro. Lima Campos é um estilista nervoso, amante da minucia, de largos periodos evocadores, cheios de resonancias... A sua sensibilidade ora se atordoa a ouvir o desvario de uma tempestade em pleno



Uma linda capa do *Fon-Fon*

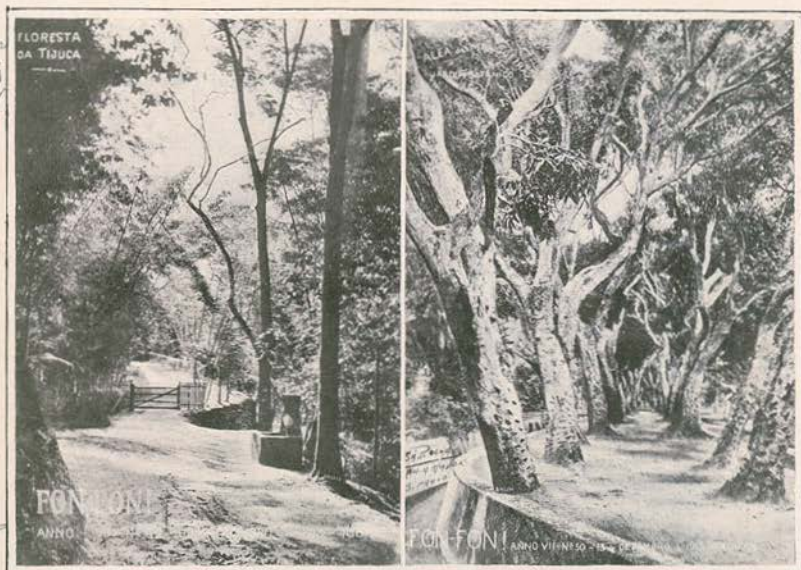
campo aberto, ora queda a olhar dolente as fitas longas que passaram a acenar de um carro funebre na dobra de uma esquina. Tem apenas um livro publicado: *Confessor Supremo*, que é dos mais intensamente descriptivos da mo-



1. Sr. Lima Campos. — 2. Sr. Vitorio de Castro, redator-secretario.

dormentado por um certo pessimismo que faz da sua individualidade literaria uma expressão aparte, inconfundivel pela sinceridade.

Com taes elementos não podia o *Fon-Fon* deixar de im-



Duas lindas capas do *Fon-Fon*

den a literatura brasileira. O teatro Municipal, representou 1 ato, seu *Flôr Obscura* que sob a direção de Eduardo Vitorino muito agradou. Vitorio de Castro, secretario da redação, pertence ao grupo dos Novos. E' um prosador bizarro, ironico, a-

pôr-se á admiração, dos leitores, em que até o proprio gerente Sergio da

Silva e o redator-fotografo Daniel Ribeiro, são do que melhor se encontra nos *bas-fondes* da imprensa carioca.

Rio de Janeiro, Janeiro 1914.

JOSÉ SIMÕES
GOELHO.



4. Sr. Sergio da Silva. — 5. Sr. Daniel Ribeiro.

A mais antiga Escola Medica Colonial

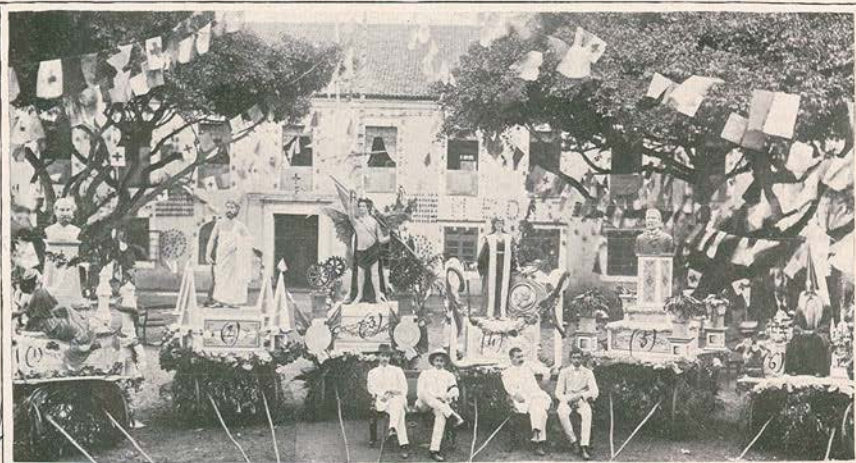


A Escola Medica de Nova-Gôa é a mais antiga escola colonial do mundo. Foi instalada na cidade de Pangim pelo Conde d'Antas em 1 de Dezembro de 1842, agrupando-se em cursos e cadeiras o ensino medico que, desde longos tempos e mais particularmente desde 1821, se vinha ministrando no hospital de Panelim. Gloria e lustre da nossa acção civilisadora, ella ahí existe para atestar aos povos cultos como Portugal antes de todos soube comprehender que uma colonisação scientifica só podia ser levada a cabo, garantindo-se antes demais, uma assistencia medica eficaz ás populações indigenas.

Não é só a India Portuguesa o campo da actividade profissional dos diplomados pela Escola Medica de Gôa. Em tempos que já lá vão, quando os sertões da Africa eram o cemiterio dos eu-

ropeus, foram os medicos por Gôa o mais poderoso elemento de propaganda do glorioso nome portuguez; e ainda hoje as Africas portugueza e alemã e o vasto imperio da India Britanica abrem os seus braços aos filhos d'aquella escola, a decana das escolas medicas colonias.

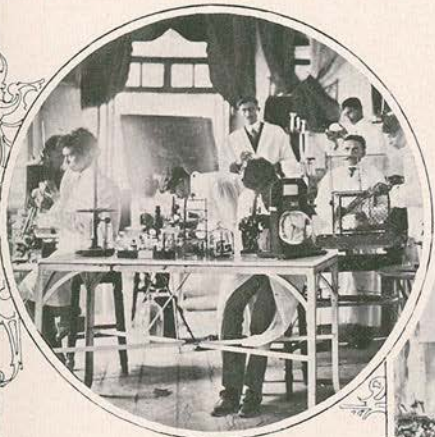
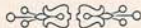
Os esforços dos seus lentes, os trabalhos dos seus alumnos muitos dos quaes tem repetido com distincção o seu curso nas faculdades da metropole, secundados pelo auxilio d'alguns governadores da India, tem conseguido manter a Escola Medica de Gôa ao nivel da Ciencia moderna. E neste ano que o sr. dr. Couceiro da Costa dotou a escola com novos melhoramentos, reorganizando-a provisoriamente até que seja approvado o plano de remodelação completa d'aquelle estabelecimento, plano que foi submettido á san-



1. Os professores da escola e um grupo de alumnos.—Sentados da direita para a esquerda: professor Rego, Rocha Pinto, Froilam, V. Pinto, Costa Alvarez, Amorim, Corrêa, Pinto Cordeiro, Barreto. (1 a sr.ª D. Lucinda Pinto, a primeira senhora que se matriculou na Escola Medica de Gôa. (Clíchê Lobo e irmão.)
2. No atrio da escola: os carros allegoricos do cortejo academico.

ção do Governo da Republica, os professores e alunos da Escola, com a cooperação do chefe da provincia e da classe medico-farmacêutica do paiz, festejaram brilhantemente o 71.º anniversario d'aquelle glorioso estabelecimento. Os festejos duraram dois dias e o programa foi dos mais variados. A exposição e discurso inau-

de Souza, a saudação á bandeira Nacional em 1 de Dezembro pelo professor Pinto Cordeiro, o cortejo academico com figuras e carros alegoricos, dirigido pelo professor Amorim, o lançamento da pedra fundamental da Maternidade e discurso do estudante A. de Miranda e a festa noturna onde mais de 3000 convidados admiraram os numerosos seletos do programa, desde o orfeon, dirigido pelo professor A. Tinoco, até os quartetos de musica, desde os solos de violino até a saudação aos medicos já formados feita pelo estudante J. Machado, são sintomas evidentes da vitalidade d'essa Escola e são para todos os cidadãos portuguezes motivo de legitimo orgulho por se ver que tão bem medrou a semente que foi Portugal a primeira nação a lançar em terras coloniaes.

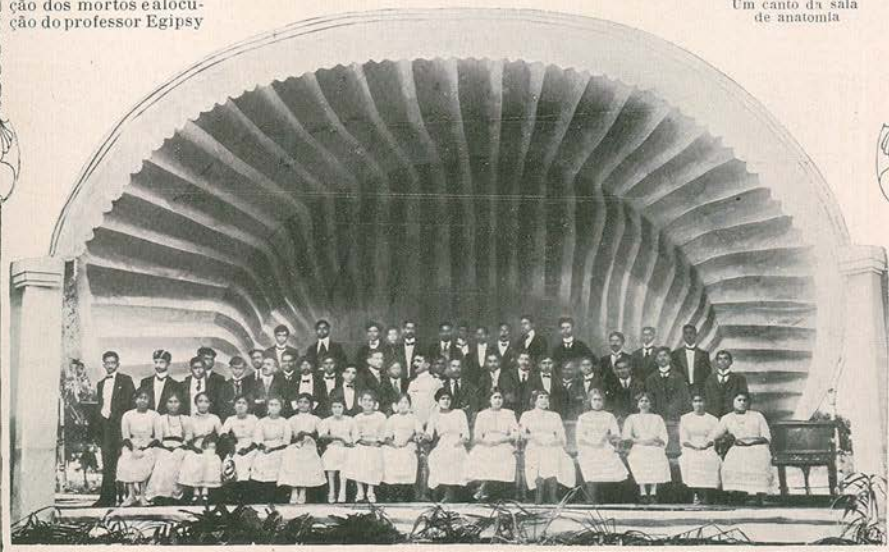


1. A sala da bacteriologia: O professor Frollam fazendo demonstrações practicas.

gural do professor J. Barreto, as demonstrações de bacteriologia applicadas á clinica pelo professor F. de Melo, o Congresso medico-farmacêutico com memorias variadas e saudação á classe pelos professores A. do Rego e Rocha Pinto, a conferencia com projecções luminosas do professor C. Correia, o banquete de confraternisação, a comemoração dos mortos e allocução do professor Egipsy



Um canto da sala de anatomia



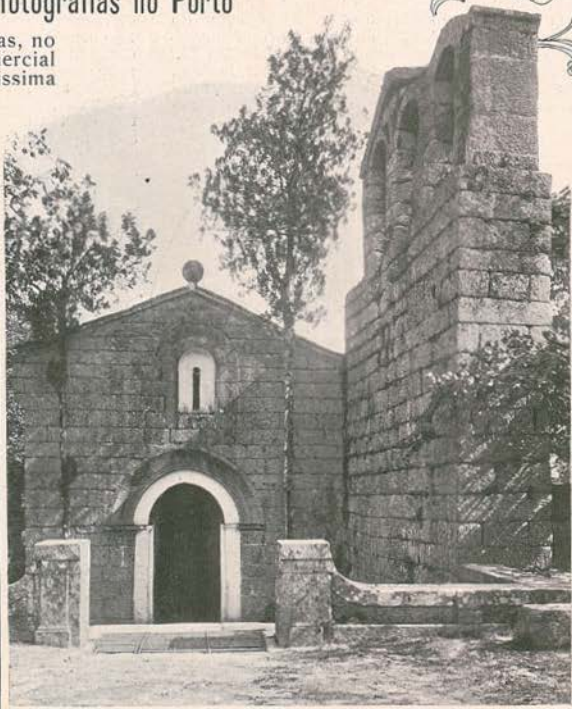
Orfeon academico de que fazem parte alguns alunos das Escolas Medica e Normal e Liceu. Ao centro o professor F. Tinoco. «Clichés» dos distintos fotografos sr. Souza Lobo, Irmãos)

Exposição de fotografias no Porto

Realizou-se ha poucos dias, no salão nobre do Ateneu Commercial do Porto, uma interessantissima exposição de fotografias de arquitetura romantica, organizada pelo fotografo-gravador d'aquella cidade, sr. Marques Abreu.

Foi um notavel acontecimento artistico essa exposição, que nos veiu revelar a existencia de muitas reliquias preciosas d'essa bela, opulenta e interessantissima arquitetura, a bem dizer ignorada do grande publico, e entregue ao desleixo, incuria e imbecilidade dos impiedosos e brutaes iconoclastas que todos os dias andam destruindo ou descaracterisando, por esse paiz fóra, com uma inconsciencia revoltante, os nossos monumentos architectonicos.

A'parte os curiosos estudos de raros investigadores, como Filipe Simões, Caetano Gonçalves, dr. Manuel Monteiro, D. José Pessanha, Joaquim de Vasconcelos e poucos mais, que se teem entregado á divulgação, reconhecimento e restauração d'esses grandiosos monumentos, poucos sabem que é Portugal um dos paizes onde maior numero de construções romanicas existe ainda em egre-



Egreja de Serzedelo (concelho de Guimarães)
(«Cliché» do distinto fotografo sr. Marques Abreu)



Egreja de Bravães (concelho de Ponte da Barca)

ias e tumulos.

Marques Abreu, com beneditina paciência, e embevecido n'um amovavel culto de arte, que lhe absorve todos os momentos que pôde roubar ás suas occupações, percorreu as provincias do norte, as Beiras, o Douro, Traz-os-Montes e Minho, reunindo assim, durante alguns anos uma admiravel coleção de numerosos exemplares d'aquella arquitetura.

A sua exposição foi visitada por quanto de mais em evidencia havia no meio intelectual e artistico do Porto.

Ao ser inaugurada, fez uma brilhante conferencia sobre arquitetura românica em Portugal o erudito investigador sr. Joaquim de Vasconcelos.

Devemos notar que Marques Abreu, que é de hã muito um gravador distintissimo, mostrou-se

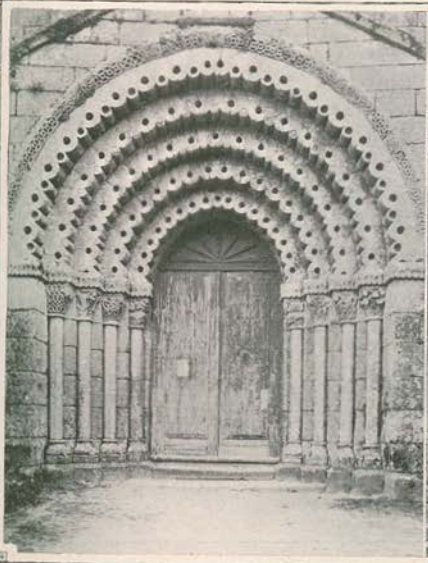


tambem agora um fotografo de largos recursos, apresentando trabalhos maravilhosos de perfeição e de beleza. Nas suas excursões, colheu tambem grande copia de fotografias de paisagens e costumes, com muitas das quaes, em ampliações esplendidas, realçou a exposição, apresentando alguns dos

mais soberbos trabalhos que entre nós se teem feito em fotografia artistica, e que aos nossos pintores poderão servir de modelos sem duvida inimitaveis. N'este genero possui tambem Marques Abreu uma coleção variadissima e admiravel, que certamente não deixará de expor um dia ao publico, muito embora se saiba que o não movem instintos interesseiros, mas apenas um entranhado amor á arte—expressão banal, mas n'este caso bem verdadeira.



1. No adro.—2. Joven camponeza.
3. Porta principal de Paço de Louza.
(concelho de Penafiel)



4. Igreja de Ferreira, (concelho de Paços de Ferreira).—5. Sé Velha (Coimbra)
(Clichés Marques Abreu)

Figuras e Factos



1. Major sr. José Maria Esteves d'Azevedo, falecido em Elvas.—2. Sr. Virgílio Teixeira Nazaré, estudante da Escola de Guerra, falecido em Lisboa.—3. Sr. António Ribeiro da Costa Gula, Proprietario, falecido na Figueira da Foz.—4. Sr. Aires de Ornelas Cisnelos e Brito, falecido na Figueira da Foz.—5. General sr. Hermenegildo Pedro d'Alcantara, falecido em Lisboa.—6. Sr. António Neto Conde, estudante de medicina, falecido em Estarreja.

Eduardo Vilaça, que faleceu ha dias, foi uma das mais brilhantes figuras do passado regimen tendo sido quem, como ministro dos estrangeiros, acompanhou D. Carlos nas suas memoraveis viagens a França e Inglaterra das quaes resultou a vinda a Portugal de Loubet e Eduardo VII.

O extinto, que militara no partido progressista, era um illustre official de engenharia sendo lente da Escola do exercito e do Instituto Industrial. Quando se proclamou a Republica o antigo politico recolheu-se aos seus estudos preferidos e trabalhando acabou a sua existencia honesta.



Conselheiro Eduardo Vilaça, falecido em Lisboa.

Em 117 sessões, efetuadas de agosto de 1912 a novembro de 1913, julgou o tribunal de guerra de Braga 694 réus constando de 162 processos de reus monarchicos de grande numero dos concelhos compreendidos nas areas da 2.^a, 6.^a e 8.^a divisões do exercito (Vizeu, Vila Real e Braga) dos quaes absolveu 290. Pelo mesmo Tribunal foram arquivados 34 processos, e despronunciados 320 arguidos do crime de rebelião. Este tribunal foi instituido depois da incursão que fez erguer os povos de Cabeceiras e das regiões vizinhas tendo figurado nas audiencias nessas localidades os officias das unidades que as foram pacificar.



Membros do Tribunal de Guerra de Braga:—Da esquerda para a direita, (sentados) srs.: major Minello d'Almeida, defensor officioso; coronel Sousa Sanches, presidente; dr. Fonseca e Aragão, juiz auditor; capitão Alvares Pereira, promotor de justiça. De pé: srs. alferes Augusto Rocha, secretario; alferes Bartolo Simões, jurado; alferes Augusto Soto-Maior, jurado; dr. Paixão Pereira, juiz auditor; tenente Pereira de Barros, jurado; alferes Pinto Fernandes, secretario; capitão Silva Lucbelli, promotor de justiça; alferes Caetano Barcelos, Jurado suplente; tenente Severino Bandeira; e alferes Damião Dias, Jurado.



O grande patriota francez e illustre poeta Paulo Déroulède, falecido ha dias em Nice, pronunciando o seu ultimo discurso em Champigny.—(Cliché Central Photos)

Paulo Déroulède foi o grande poeta francez que mais incarnou o espirito chauvinista. A sua figura marcial e o seu gesto ousado pareciam indicar a sua envergadura de chefe. Era um militar por indole. Nos seus versos da *Chanson du Soldat* repercutu toda a nobreza da alma da França.

Esteve em Lisboa exilado depois do seu gesto ao querer levar ao Elyseu o general Roget que comandava a divisao de Paris. N'um impulso, tomando-lhe as redeas do cavallo o poeta convidara-o á rebelião diante dos seus soldados. A justifi-

ca condenou-o, o governo exilou-o, e a França amou-o mais com a sua bravura de Artagnan perdido n'um seculo positivo.

Foi assim até á morte. Era um revoltado por temperamento d'esses que se amam como a revivescencia d'um passado que se julga apenas pelos romances.

Com Rochefort o vermelho, ele, o inimigo da Republica parlamentar, personificou o audacioso, immortal e cavalheiresco espirito da sua patria.



Santos Dumont o illustre aeronauta brasileiro que vae subir no seu aparelho em S. Paulo.

Santos Dumont, o illustre brasileiro que foi um dos percursores da conquista do ar e que se tornou uma gloria mundial foi recebido carinhosamente em S. Paulo onde o honraram com uma verdadeira apoteose ao fazer ali as suas notaveis ascensões.

O Brazil que sempre acolhe com jubilo as grandes personalidades mais entusiasticamente recebeu o seu illustre filho cujo nome está no livro d'ouro do mais notavel progresso do nosso tempo.

A grande revista argentina *A Critica* enviou á Europa a fim de fazer uma larga reportagem dos mais sensacionaes acontecimentos e seguir a vida d'algumas das capitães europeias um dos seus mais illustres redatores.

E' ele o sr. dr. Alfredo N. Romero, que dentro em pouco estará em Lisboa, por onde iniciará os seus estudos que serão enviados com illustrações á excelente revista de Buenos-Ayres que lhe deu este encargo.



O sr. Alfredo N. Romero, redator da *Critica* de Buenos Aires que veiu á Europa n'uma missao de reportagem especial e que se encontra em Lisboa.



Sr. José Maria Luiz de Almeida, comandante d'artilharia 2 falecido na Figueira da Foz.

A Inglaterra tem creado numerosas associações de protecção ás desditas. A ella se deve em grande parte a abolição da escravidura; hoje luta contra o alcoolismo e contra a prostituição, tendo organizado fortes ligas destina-



Sr. William Coote representante do Bureau Internacional contra o trafico das brancas e que veiu a Lisboa organizar o «comité» da sua associação.

das a combaterem esses males.

O delegado da agremiação contra o trafico das brancas sr. William Coote esteve ha pouco em Lisboa onde tratou da instalação d'um comité da sua sociedade.



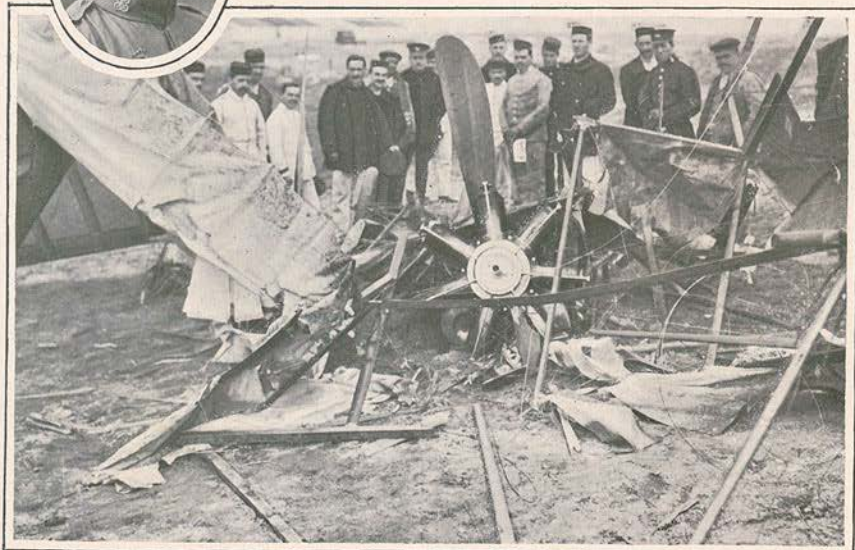
Sr. dr. Manuel Antonio Ferreira Pinto da Cunha, falecido em Lisboa.

Maximo Ramos, tenente da guarda civil hespanhol e dedicado cultor da aviação, foi vitima do seu arrojo, pilotando um aeroplano no aerodromo de Quatro Ventos, perto de Madrid. O aparelho caiu e o distinto oficial pagou com a vida a aspiração de desejar que a sua patria pudesse contar mais um aviador militar.

Os seus funeraes foram muito pomposos n'um preito bem merecido.



4. O grupo de costureiras da Figueira da Foz que entraram nos autos pastoris quando da festa all realisada.



5. O tenente da guarda civil de Madrid sr. Maximo Ramos, morto no aerodromo de Quatro Ventos. Os restos do biplano do tenente Ramos depois da queda que vitimou este illustre militar no aerodromo de Quatro Ventos proximo de Madrid.—(«Clichés» Alfonso)

O chapéu da Moda

A moda não pôde socegar. Depois das flores que arvorou nos chapéus chegou a ocasião dos frutos e as parisienses entraram a passear no boulevard como as nossas vendeiras de gigas á cabeça. E' que a seguir aos frutos appareceram os legumes.

As mais gentis mulheres enfeitaram-se d'es-

appareceram nas salas de visitas como uma transplantação da cozinha. As donas de casa, mesmo as mais opulentas, que nunca viram os legumes senão depois de cosinhados servidos nas suas preciosas louças trazem-nos agora copiados do natural á cabeça como vendeiras transportando gigas. E' a moda.



1. Chapéu guarnecido com peras, limões e alperches. — 2. Chapéu guarnecido com couves de Bruxelas e tomates
3. Chapéu de veludo escuro ornado de cenouras. — 4. Minúsculo chapéu ornado de tomates.
(Gilches Deltus)

se modo. Em vez de pedirem a Bruxellas as suas rendas pediram-lhe as suas couves que as casas de chapéus fielmente reproduziram e d'ahi a pouco os nabos, as cenouras, os alhos,

Diante d'ela todos nos inclinamos mesmo alguns irreverentes como o critico que ao vêr um chapéu d'aqueles extranho muito que a dona não apregoasse cs generos.

A chegada do sr. dr. Bernardino Machado a Lisboa



presidir ao novo gabinete constituindo a melhor esperança da resolução da crise. Chamado ao palácio de Belem aceitou o encargo, com aplauso geral, pois que o talento, o critério e o espirito conciliador do illustre estadista são garantia certa do bom desempenho da sua missão.

1. O sr. dr. Bernardino Machado, sua esposa, filhos e genro sr. dr. Angelo Vaz e o sr. dr. Veloso Rebelo representante do Brazil a bordo do «Avon» com alguns dos seus amigos e delegados das agremiações que o foram saudar.—2. Os srs. drs. Bernardino Machado e Afonso Costa a bordo do «Avon».

O embaixador de Portugal no Brazil sr. dr. Bernardino Machado, chegou a Lisboa a bordo do «Avon» tendo uma festiva recepção da parte de muitas coletividades e dos seus amigos pessoas e politicos. O ministerio demissionario foi a bordo apresentar-lhe as boas vindas.

O nome do ministro dos negocios estrangeiros do governo provisorio fôra indicado para



3. Sr. dr. Bernardino Machado saudando os manifestantes no Terreiro do Paço. —(Cllichsé Benoliel).



TEATROS

TEATRO APOLO

“Paz e União” revista
em 3 actos

UMA revista d'ano! Ha pessoas que imaginam que uma revista d'ano é apenas um co-sinhado, facil de temperar, de *couplets*, pernas de coristas, bigodes de policia, duas ou tres larachas de almanaque e musica do sr. Filipe Duarte. E a revista é, efectivamente, um pouco de tudo isto — mas na maneira de dosear os temperos, de preparar o paladar, de compôr, enfeitar e servir os diversos guisados, ha toda uma culinaria complicada, muito mais complicada do que á primeira vista parece.

Afinal, a revista tem a sua genealogia brilhante: corre-lhe no sangue plebeu a nobresa satirica de Aristofanes. Fazer uma boa revista é tão difficil

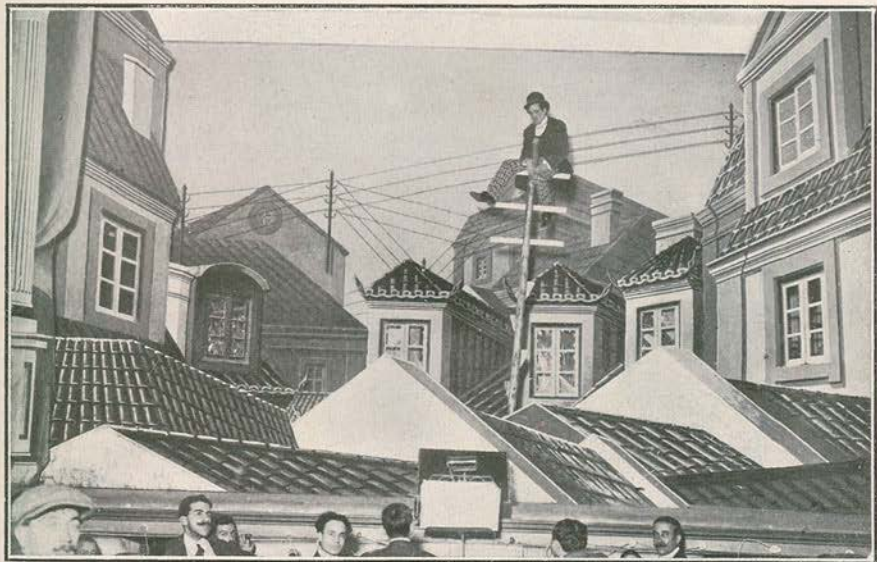
como fazer uma boa comedia — e mais nobre do que fazer uma má tragedia. Tudo depende d'esta coisa simples, singular e invejavel que se chama — o talento. De resto, Schwabach pôde ufanar-se tanto da sua *Bisbilhoteira* como d'alguns quadros dos *Retalhos*. Apenas, a revista, como motivo, que é, de actualidades, é, como regra, de triumpho moral mais contingente e efemero. O seu successo material é mais abundante,

é certo. Tudo, n'este mundo, tem compensações.

Ha seis ou sete anos que os srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos escrevem, pelo menos, duas revistas por ano. Calcule-se de que enorme reserva de graça, de conhecimento da sua profissão, de inventiva, de bom humor, de inspiração popular, é ne-



Maestro, autores e empregazarios assistindo á marcação d'uma cena da revista «Paz e União» entre os actores Nascimento Fernandes e Roldão



O actor Nascimento Fernandes n'uma das cenas do 1.º ato da revista «Paz e União»

cessario dispôr para manter ininterruptamente, n'esta carreira exgotante, o favor inequívoco das platelas, dentro d'um genero que permanente e inevitavelmente, gira dentro dos mesmos gastos moldes de successo.

Ha seis ou sete anos que estes tres homens nos fazem rir consecutivamente e fazer rir, mesmo o riso plebeio, o riso desengonçado e faceto da revista, nos tempos macambuzios que vão correndo, é uma obra quasi meritoria — e é coisa para registrar. Os autores da *Paz e União* sabem, como ninguém hoje entre nós, dosear, para divertimento e festim do publico, o comentario politico, a satira de costumes, a nota lirica, a farça, o episodio patriótico, o tipo do dia. São mestres do genero. A sua nova revista, em cena no Apolo, é colorida, é viva, animatografica: tem rapidez e tem alegria. Nós, que não fomos lá para ouvir Molière, divertimo-nos. Divertimo-nos e aplaudimos. E o publico divertiu-se e aplaudiu tambem.



«Sua Magestade diverte-se»: Uma cena do 2.º ato—As atrizes Medina, Auzenda e os actores Leitão Correia e Gomes.



O 1.º quadro da revista «Paz e União»—2 A atriz Lucia Garcia no papel de «Ariana»—1 o ator Jorge Grave no «Deus Baco»



«Sua Magestade» diverte-se, em cena no teatro da Trindade: As bailarinas dançando o Tango Argentino.

(«Cllichés» de Benollet)

TEATRO DA TRINDADE

«Sua Magestade diverte-se»

Sua Magestade diverte-se e faz muito bem. Divertindo-se, dá-nos ali, no palco da Trindade, um canto brejeiro do Paris das *cocottes*, e do tango, o eterno Paris do *caudeville*.

Estes reis do *boulevard*, estes reis patuscos de café-concerto e d'alcova, estão já bastante coçados pelos libretos das operetas e das comedias—desde a satira politica deliciosa de Flers, Caillavet e Arene, até á simples anedota picante e faceta da peça que o sr. Taveira poz em cena.

Um rei divertido e amorudo é uma coisa que uma democracia, como a franceza, nunca deixa de ver com simpatia. E aquella nota de *can-can*, de mulheres facéis, de malicia elegante e moral de perna á mostra, nunca deixa tambem de fazer arregalar o olho ao intrepido portuguez. E', por isso, que me parece que o rei do Sião fez muito bem em vir divertir-se para o palco do Teatro da Trindade e o sr. Taveira não ha-de arrender-se de o hospedar, como fez, senão principescamente, pelo menos, com uma certa cordalidade.

A. DE C.

O Banco Nacional Ultramarino no Rio de Janeiro

A preponderancia da colonia portugueza no Rio de Janeiro, não só pelo numero como pelas suas qualidades de trabalho, é manifesta. Possuindo varias agremiações politicas, instrutivas e beneficentes, todas elas com elementos basicos de valor indiscutivel, atestado a sua independencia de recursos moraes e financeiros, a nossa colonia no Rio sempre se impoz, naturalmente sem outros poderes de fascinação que não sejam os da afetividade para com os natos que portuguezes são de virgem.

No marulhar de interesses havia a notar, inda ha pouco tempo, uma lacuna que anuviava o céu constelado de promessas brilhantes de energia dos nossos patricios: era a ausencia de um banco que, com capitaes

portuguezes, fosse a guarda confiante dos haveres da colonia, e a feira, incorruptivel, por onde passassem, sem laivos grosseiros de infima especulação, os recursos habilmentepoupadados que vão enriquecer as terras do norte de Portugal. Havia, é certo, agencias simples, balcões onde a moeda se destroçava em cambiaes de alto preço sem outro fim honesto de permuta, procurando ganhos ilicitos n'uma concorrência feroz de mercadores e traficantes. Os tempos mudaram. O commercio intellectual sara-se. Creou-se e desenvolveu-se a aristocracia mercantil. O agio nobilitou-se. Os negocios purificaram-se. Foi, apóz, esta corrente civilisadora, solidificadas as razões de uma sociedade cosmopolita como é a do Rio de Janeiro, que o Banco Nacional Ultramarino abriu a sua grande Agencia na capital federal. Em tão boa hora o fez, tanta falta ella fazia que muito em breve se tornou indispensavel á engrenagem intima, da vida financeira portugueza. O bom nome do Banco, nome adquirido á custa de tenacidade e brio profissionais, rasgou o horizonte maximo dos grandes empreendimentos particulares.



O Banco Nacional Ultramarino de Lisboa

Durante as situações financeiras que Portugal tem atravessado de 1864 até ao presente, uma casa bancaria de Lisboa se manteve sempre firme e solida, merecendo do paiz inteiro a confiança mais absoluta e completa: o Banco Nacional Ultramarino. Escolhendo sempre para os seus corpos gerentes homens de alta envergadura moral e absolutamente estranhos a facções politicas, entregando se a negocios sobre as colonias portuguezas, cada vez mais progressivas e mais prosperas, o Banco Nacional Ultramarino representou sempre um exemplo, fulgurante, de uma administração exemplar e dignissima.

As suas ações são as mais solidas e bem cotadas, impoluta a sua honestidade nos negocios; perfeita a confiança que em torno do seu nome gira na praça, com um capital de 12.000.000 \$ 000 fortes, tendo apenas realizado o capital de 7.000.000 \$ 000 fortes, possui um fundo de reser-

va de 2.600.000 \$ 000 em moeda portugueza. Estes simples algarismos dizem mais que todas as exposições sobre a sua prosperidade, a sua admiravel situação e a confiança que deve merecer no commercio.

A instalação do Banco Nacional Ultramarino no Rio de Janeiro é perfeita como convem a uma casa d'esta ordem. Com um pessoal habilidissimo, tendo como chefe um abalizado e experimentado contabilista, sr. Alberto Guedes, o serviço é rapido, transacionado em todos os negocios.

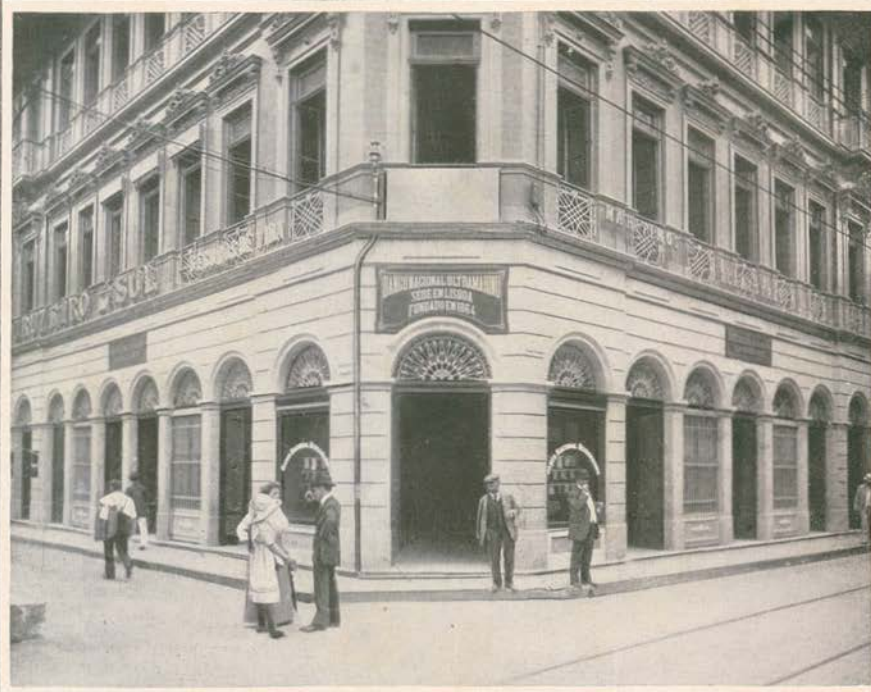
Sendo no Rio a colonia portugueza composta de 300.000 pessoas, na sua grande maioria proprietarios, comerciantes e trabalhadores, desde o mais modesto ao mais intellectual e existindo para mais de 200.000 brasileiros filhos de paes portuguezes com relações uns, com negocios outros, n'aquelle paiz, era

inevitável a criação de um banco português. Ao passo que as colónias alemã, inglesa, franceza e italiana são, comparativamente, tão pequenas, todas possuem grandes bancos para as suas relações e os seus negócios que são como largos traços de união entre os seus paizes e o Brazil, só Portugal, onde o Brazil compra todos os anos 35.000 contos das suas mercadorias e para onde os seus filhos enviam 30.000 contos, que são produto da labuta diaria e das suas economias, não tinha até então uma grande casa bancaria onde procurasse auxilio para as suas negociações, juros compensadores

insignificante de 4 % ao ano. A prosperidade do Banco é por demais conhecida. As transferencias para Portugal aumentam de mez para mez. Pode dizer-se que só d'esta praça vão para o nosso paiz cerca de 4.000.000 de libras, calculando-se em 7 milhões as esterlina idas de todo o Brazil.

Logo que passe a fase aguda da crise actual tenciona o Banco abri'r grandes sucursaes em S. Paulo, Santos, Bahia, Recife, do que só bem lhe pode advir.

O Banco Nacional Ultramarino resol-



Fachada do Banco Nacional Ultramarino na rua da Quitanda, no Rio de Janeiro

para os seus capitaes parados e o intercambio entre os dois paizes irmãos.

Uma das secções do Banco, que ultimamente tem tido grande desenvolvimento, é a secção dos depositos, chamada no Brazil, *contas correntes limitadas*, conhecida em Portugal pelo nome de *caixas economicas*, autorisada já pelo governo federal. Sob a milhares o numero de depositantes, patricios que ali vão guardar as suas economias, por um juro

veu, com a sua moderna instalação no Rio, o magno problema. E a grande colônia portugueza, composta de esforçados trabalhadores, não abandona o Banco, como se ele fosse um pedaço da sua formosa terra abençoada e distante...

Rio de Janeiro, Janeiro 1914.

JOSÉ SIMÕES COELHO.

Cold-Crème Gilbert Simon

Com sello VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos negros, borbunas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.^o — LISBOA



Sabonete preparado com os saes das Aguas



Vizella

o melhor para a pelle

Bordados Lucerna



direitamente da Suissa, franco de porte no domicilio.

Vestidos

desde Fr. 11.80

Blusas

desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças

desde Fr. 5.90

Do melhor bordado suiso, sobre cambráia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade.

Peçam a nossa colleção 22 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suissa

POUDRE
GERMANDRÉE

Secret
de beauté



Peur embellir la toilette
légère adhérence absolue
et discrète Parfum idéal

MIGNOT-BOUCHER Parfumeur 10 rue Vivienne PARIS

FRIO da BELLEZA

POS para embelezar a cutis
POS em folhas adherentes em forma pratica
CREME para preservar e suavizar a pelle.

A'VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS
ELEGANTES DE PORTUGAL

MIGNOT-BOUCHER
10 Rue Vivienne Paris

Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

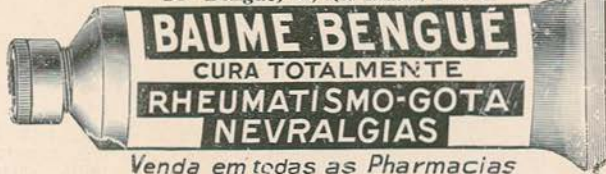
A Melhor

Para obter-a exibir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

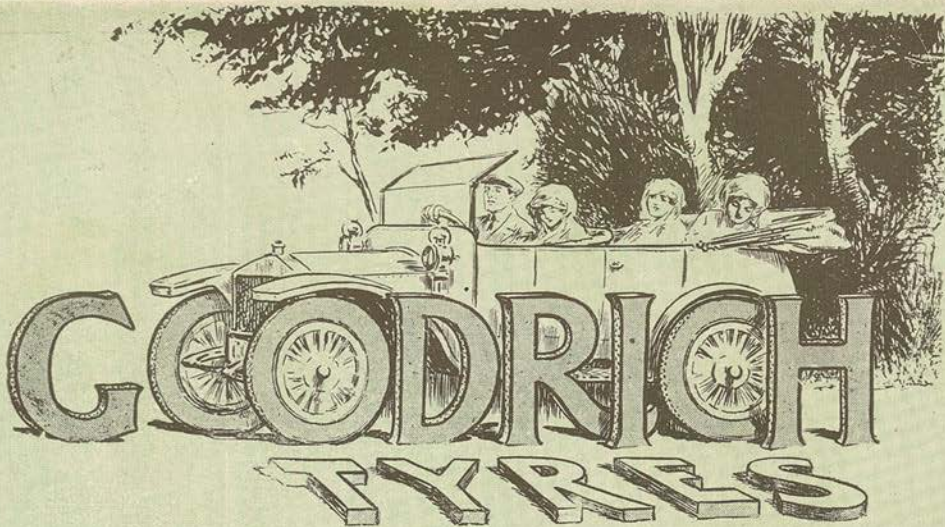
Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos, CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

Tonico Amarello com sello Viteri

Preparado desde 1882 pela PHARMACIA BARRETO. Suspensão a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e desengordura-o, facilitando o penteado das senhoas. Regenera a cor primitiva. Tira a crosta e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo, impede a calvície, conserva os frisados e ondedos. Não contém enxofre. Frasco 700 réis. Para fóra de Lisboa mais 100 réis para porte e reg.s'o. Depos.to geral

VICENTE RIBEIRO & C.^a - 84, R. Fanqueiros, 1.^o - LISBOA





E' O PREFERIDO PELO VERDADEIRO SPORTSMAN

Todos os automobilistas que teem experimentado

O

Pneu Goodrich

não querem mais outra marca

porque a sua **QUALIDADE**

justifica a sua devisa

SUPERIOR ao MELHOR

A' venda

Castanheira, Lima & Rugeroni, L.da, Rocio - LISBOA

ROMARIZ, ABRANCHES & PISTACCHINI, Rua Santa
Marta - LISBOA

MAGALHÃES & MONIZ L.ª, L. dos Loios, 11 - PORTO

ANTONIO FERNANDES & FILHOS - COIMBRA

SIMÕES & FLORIVAL - EVORA

ZENHA & C.ª - BRAGA

JOSÉ MARIA DIONIZIO JUNIOR - VIZEU

AUTO GARAGE GOUVEENSE - GOUVEIA

AUTO GARAGE - COVILHÃ

JOAQUIM MANUEL PICÃO FERNANDES - ELVAS

COELHO & BRANDÃO - VIANA DO CASTELO

AGENCIA GERAL DOS PNEUS GOODRICH, Rua 1.º de Dezembro, 82, 2.º - LISBOA